



## 8 de março unificadas no DF e Entorno: nosso manifesto

Pela vida das mulheres! Auxílio emergencial e vacina já! Fora Bolsonaro e seu governo assassino!

O 8 de março é o Dia Internacional das Mulheres. É uma data de luta coletiva e um chamado para que as mulheres em sua diversidade, trabalhadoras do campo e da cidade, negras, indígenas, quilombolas, ciganas, de povos e comunidades tradicionais, com deficiência ou mobilidade reduzida, de todas as gerações e sexualidades se unam na luta por direitos, respeito, democracia e por uma vida digna e sem violência para todas as mulheres. Neste ano de 2021, o 8M Unificadas no DF aderiu à luta nacional pelo auxílio emergencial e vacina já, e pelo impeachment de Bolsonaro e seu governo assassino. Aqui vai nosso recado!

Não aceitamos ter um presidente irresponsável e inconsequente, que não prioriza como deveria a proteção da população das consequências da crise econômica causada pela concentração de riquezas impulsionada por uma política de Estado mínimo. Um governo assassino que não orientou a população sobre cuidados coletivos com a saúde, negou a pandemia, atacou profissionais de saúde e fez aglomerações, tanto aqui no DF e Entorno quanto em várias cidades país afora, em praias, quiosques, padarias, feiras e espaços públicos. Um governo assassino que não comprou vacinas a tempo e até hoje não tem um programa nacional de vacinação em massa.

Não toleramos um governo assassino que não se importa com o fato de centenas de milhares de brasileiras e brasileiros estarem lotando os hospitais e cemitérios por causa da Covid-19. Um governo que ataca os direitos e as políticas para as mulheres, incita o racismo, corta dinheiro da saúde e de programas sociais, aumenta as discriminações em vez de proteger populações vulnerabilizadas por

desigualdades. A tragédia de mortes causadas pela Covid-19 no Brasil é fruto da política de morte implementada pelo governo Bolsonaro, que, além de não investir em vacinas, ainda boicota medidas restritivas adotadas por governos estaduais e municipais.

Esse governo assassino, declaradamente racista, machista e inimigo dos direitos humanos, sem compromisso com a população e com as mulheres se negou a pagar o auxílio emergencial e, somente por pressão popular, cedeu ao auxílio mínimo de R\$ 600,00, defendido e aprovado pelos partidos de esquerda no Congresso Nacional. Somos nós, mulheres, que sentimos nas nossas casas o desamparo financeiro, o medo da doença e as dificuldades de reorganizar as nossas vidas em meio a uma pandemia que não sabemos quando vai acabar. Nós, mulheres, estamos enfrentando esse governo assassino, porque queremos viver e temos direitos que precisam ser garantidos. Lutamos para que toda a população seja vacinada rapidamente. Queremos fortalecer a saúde pública, valorizar profissionais de saúde e segurança sanitária, com todas as famílias podendo ficar em casa em isolamento social.

Com o fim do auxílio emergencial e o crescimento da crise econômica, muitas famílias voltaram a passar fome no Brasil. Mulheres estão atrás de comida para alimentar suas famílias. São sobretudo as trabalhadoras e trabalhadores pobres, em sua maioria negras e negros, que são obrigadas a se arriscar no transporte público e nas ruas, para ter o que comer. A irresponsabilidade do governo Bolsonaro está tornando a sociedade brasileira ainda mais injusta, desigual e racista do que ela já era! Neste 8 de março, nós cobramos a retomada do auxílio emergencial até o fim da pandemia, em todas as esferas da federação, com valores mínimos aceitáveis de R\$600,00 e de R\$1.200 para mulheres chefes de família.

Nós, mulheres do DF, repudiamos também o descaso do governador Ibaneis Rocha com a saúde, a educação pública e a assistência social. No DF, estamos batendo mais de 50% da população em situação de desemprego. A crescente necessidade de auxílio do Estado para a população avança na mesma proporção em que avança a política de desmonte dos serviços públicos e a agenda de privatizações, que, a partir da venda da CEB, mira também restaurantes comunitários, metrô e rodoviária de Brasília. Aparelhos de assistência social que ainda funcionam, o fazem com redução de profissionais e materiais. A insistência de Ibaneis em voltar o ano letivo de forma presencial, no momento em que o DF atingiu sua maior taxa de ocupação de leitos de UTI em meio à pandemia, deixa explícito o seu descaso com a vida da população. Não é diferente a situação dos aparelhos públicos de combate às violências contra as mulheres, a Casa da Mulher brasileira segue fechada, há muito não vemos campanhas efetivas de prevenção e combate aos fatores que culminam no feminicídio.

Nesta pandemia de Covid, nós mulheres, por causa desse governo assassino, autoritário, machista, misógino, racista, LGBTfóbico e elitista, não somente

perdemos muitos entes queridos e queridas, mas, também, ficamos mais pobres, com a perda de trabalho e renda. Trabalhadoras domésticas foram as primeiras expostas ao contágio e tiveram pouca proteção social para poder ficar em casa; muitas tiveram de levar seus filhos e filhas para o trabalho ou deixá-las sozinhas em seus lares. Mães-solo não têm com quem contar, milhões de mulheres se tornaram mais dependentes financeiramente de famílias e amigades para sobreviver. Estamos trabalhando mais horas e nos sentindo mais inseguras, tanto dentro quanto fora de casa. A violência contra as mulheres cresceu durante a pandemia; nossas familiares e amigas estão sendo agredidas e morrendo dentro de casa. É urgente acabar com o feminicídio! De igual modo, não suportamos mais a violência brutal exercida contra as mulheres lésbicas, trans e travestis! O racismo aumentou e o assassinato de jovens e homens negros explodiu, em plena pandemia, não só nas periferias de todo o Brasil, mas, também, em supermercados e locais públicos! Nós, mulheres, unimos as nossas vozes para dizer: “Vidas negras importam!”. Neste 8 de Março, nós mulheres do DF, que seguimos carregando nas costas a responsabilidade pelo cuidado e pela saúde de todas as pessoas, gritamos por respeito às nossas vidas!

Também dizemos chega aos ataques aos povos tradicionais, quilombolas, indígenas e ciganos e às populações do campo, das florestas e das águas! A desigualdade do enfrentamento à Covid-19, já evidente nas periferias urbanas, tem um impacto arrasador nas comunidades quilombolas, ribeirinhas, indígenas, rurais e povos ciganos, uma vez que a pandemia continua avançando em ritmo de alastramento e letalidade no país. Nós, mulheres, também sabemos que não poderemos sobreviver se os bens comuns da natureza não forem protegidos. Afinal, esta pandemia foi causada pela forma predatória como a humanidade lida com os animais e o meio natural. Chega de queimadas! Chega de latifúndio! Chega de agrotóxicos!

Vivemos, hoje, sob a ameaça de ideias ditatoriais e ataques frequentes do bolsonarismo à democracia, ao Estado de direito, à liberdade de pensamento e de imprensa. É inaceitável que mulheres parlamentares sofram violência política e ameaças. Símbolo maior da masculinidade tóxica, o presidente e seus aliados também fazem apologia da violência ao tentar liberar a posse e o porte de armas. Para nós, mulheres, essas políticas nefastas terão um resultado certo: o aumento do feminicídio e dos homicídios de pessoas negras e pobres.

Como se tudo isso não bastasse, o governo Bolsonaro já deixou nítido o desprezo que sente pelas mulheres e comunidades tradicionais. Na sua visão conservadora - que mistura religião com política -, só pode existir um tipo de fé, de família e de mulher, a heterossexual, comportada e submissa aos valores patriarcais. Nós, mulheres, dizemos não ao fundamentalismo religioso que quer controlar nossas vidas, corpos e sexualidades, que reforça o machismo e a cultura do estupro. Nós, mulheres, defendemos a laicidade do Estado, pelo direito de professar ou não fé e espiritualidade. Nos posicionamos contra o racismo religioso, que persegue e ataca

religiões de matriz africana, o sagrado indígena e cigano. Exigimos o direito de ser quem somos e de tomar decisões sobre nosso corpo e nossa vida!

Na atual conjuntura, nós mulheres do Distrito Federal unificadas, não vamos nos calar. Inspiradas pelas lutas das mulheres negras, indígenas, quilombolas, ciganas, jovens, LBTs, trabalhadoras e pelas lutas de mulheres em todo o mundo, estamos ocupando cada vez mais as assembleias legislativas do país e não vamos parar por aí. A pandemia escancarou o quanto o trabalho das mulheres é fundamental para a sobrevivência de toda a sociedade. Em busca de mais direitos e de uma vida digna para todas as mulheres, seguiremos em marcha dizendo: Pela vida das mulheres! Auxílio emergencial e vacina já! Fora Bolsonaro e seu governo assassino!

E também dizemos:

Basta de machismo, racismo, LGBTfobia e todas as formas de violência!

Justiça para Marielle!

Pela democracia e a liberdade de imprensa!

Pela derrubada dos vetos ao PL 735 – Por apoio à produção de alimentos saudáveis, fomento e crédito emergencial para a Agricultura Familiar

Em defesa do SUS!

Pela quebra imediata da patente! Vacinação para toda a população pelo SUS!

A maternidade deve ser uma decisão ou não será! Educação sexual para prevenir, anticoncepcionais para não engravidar e aborto legal para não morrer! Legalização já!

Pela revogação da Lei da Alienação Parental já!

Por acesso, acessibilidade e garantia de direitos para o exercício da cidadania de mulheres com deficiência ou mobilidade reduzida. Nada sobre nós sem nós!

Pela revogação da EC 95 – teto dos gastos!

Contra a Reforma Administrativa de Guedes e dos bancos!

Auxílio emergencial de R\$ 600,00 e R\$ 1.200,00 para mulheres chefes de família até o fim da pandemia!

Contra as privatizações de empresas estatais e distritais! Contra a privatização dos restaurantes comunitários do DF!

**Fora Bolsonaro e todo o seu governo! Impeachment JÁ!**

**Brasília, 01 de março de 2021**